

# As construções em pasta

No Alto Minho, e em particular numa faixa do território que se estende entre os concelhos de Vila Nova de Cerveira, Valença, Monção e Melgaço, existe um conjunto de construções nas quais se aplicou um material tradicional em granito – a pasta.



Casa de Maria Galega, construída nos anos 50 do século XX (Campos, Vila Nova de Cerveira).

Orlando Ribeiro definiu a *pasta* como uma prancha de granito, delgada e talhada com certa regularidade, não tanta que os seus lados se ajustem perfeitamente; nas vedações os elementos encostam-se uns aos outros; nas casas, as juntas levam sempre um reboco caiado, mostrando um estranho aspecto listrado de alto e baixo.

O granito branco, acinzentado, era o mais utilizado para a construção em *pasta*, mas empregava-se também o granito rosa, ou *granito de Monção*, existente num afloramento litológico que se estende na direcção da Galiza até Porriño.

Segundo Carlos Teixeira, o *granito de Monção* é de textura porfiróide, levemente róseo, no geral com grandes cristais de feldspato, que se destacam da massa de grão médio e grosseiro constituinte do

resto da rocha [...] as principais pedreiras encontram-se, quanto ao granito porfiróide, na região de Friestas, Gondomil e Lara. A pedra mais procurada para os esteios das latadas (*postes*) e os muros e casas em *pasta* era a da *pedreira do Salgueirinho*, situada em Sanfins de Friestas, por ser de grão muito homogéneo, o que lhe confere grande resistência e impermeabilidade<sup>1</sup>.

O modo de extracção tradicional do granito começava, quase sempre, por escavar a terra à procura de uma rocha e, logo que esta aparecia, procedia-se ao seu corte, ou *rachar*<sup>2</sup>. O processo atendia ao modo como a pedra estava organizada em diferentes planos de *clivagem*, ou seja, de linhas de corte<sup>3</sup>. Os pedreiros procuravam rachar o penedo segundo os *correrres da pedra*, para o que podiam

seguir duas orientações: a horizontal (ou do *levante*), ou vertical, quer no sentido Norte-Sul, quer na orientação Este-Oeste (Afonso, 1982: 142). Após terem optado pela melhor linha de corte, os pedreiros sinalizavam-na na rocha por pontos em barro (o *ris-cote*), sobre os quais abriam com ponteiros orifícios fusiformes (as *cunheiras*)<sup>4</sup>. Depois introduziam neles umas cunhas em madeira, geralmente de oliveira, que martelavam com maços até ficarem bem ajustados às paredes do orifício.

A seguir deitava-se água sobre as cunhas que, ao dilatarem, rachavam a pedra em tiras (a *pasta*) com cerca de 50 a 60cm de largura e um comprimento oscilando entre 1 a 3m. A espessura rondava os 10cm. Por vezes, saíam *pastas* duplas que eram posteriormente abertas na obra<sup>5</sup>.

Mais tarde, as cunhas em madeira passaram a ser em ferro e foram depois substituídas pelos *guilhos de broca* ou *pinchotes* em aço com duas *palmetas* que criavam um orifício em V essencial para rachar a rocha. O processo veio a simplificar-se com o emprego da *agudadeira* que dispensou o uso de *palmetas* (Afonso, 1982:144-146).

O transporte da *pasta* para a obra utilizava, antigamente, carros de bois mesmo quando apareceram os camiões, pois estes não podiam aceder às pedreiras pelos estreitos caminhos. As pedras iam para os *descarregadouros* situados em locais mais acessíveis ao transporte por estrada<sup>6</sup>.

A construção das casas iniciava-se com a abertura dos caboucos com 50cm de fundo, onde as pranchas de granito eram colocadas ao alto e

parcialmente enterradas, formando o andar térreo. A parte restante da parede era em tijolo, mas existem casas feitas inteiramente em *pasta*<sup>7</sup>. Abertos os caboucos, faziam-se os *cantos da obra* colocando em cada extremidade duas pedras em ângulo recto a servir de cunhais e ligadas por um fio que servia de nível para o alinhamento das outras pedras<sup>8</sup>.

Na execução dos paramentos procurava-se assentar as *pastas* de modo a reduzir o mais possível a largura das juntas. Depois de assentadas, as *pastas* eram recortadas por cima à mesma altura com uma marreta que se ia batendo em pequenas pancadas, *escanando* a pedra e seguindo um fio estendido a servir de nível<sup>9</sup>. Nas juntas aplicava-se argamassa de cal hidráulica do seguinte modo: fazia-se um molho de palha de centeio atada com um fio a um pau, que se encostava a toda a altura do intervalo entre duas *pastas* e seguro por uma pedra. O outro lado da junta era, então, revestido com a argamassa. Depois desta *puxar* um pouco, retirava-se o pau e continuava a proceder-se do mesmo modo para argamassar as outras juntas<sup>10</sup>.

Por ser em pedra não porosa, a *pasta* evitava as infiltrações de água e, por isso, a parede exterior ficava, quase sempre aparente enquanto que a do interior poderia ser rebocada com argamassa de cal e areia<sup>11</sup>.

A cal vinha do centro do País em comboio dentro de barricas de madeira e era *queimada* conforme as necessidades, sendo *traçada* com areia para se fazer a argamassa<sup>12</sup>.

Os vãos das portas e janelas eram superiormente rematados por ver-



Casa em pasta (próximo de Valença).



Muro em pasta (Campos, Vila Nova de Cerveira).



Casa em Breia (Mazedo, Monção).

gas em tijolos colocados verticalmente ou obliquamente em duas filas opostas, travados (ou *fechados*) ao meio por uma cunha. Nos interstícios das ombreiras colocavam-se pequenas pedras. Depois rebocavam-se os *fechos* com argamassa<sup>13</sup>.

Para a cobertura das casas mais antigas empregava-se a telha *canudo*; nas mais modernas, a telha *marselha*<sup>14</sup>.

A utilização da *pasta* como material de construção revelava certas especificações que hoje são ponderadas nas opções para uma Arquitectura sustentável ambientalmente.

Logo na fase da exploração dos recursos naturais para a obtenção dos materiais, os métodos utilizados revelavam uma minimização dos impactos. Evitava-se o mais possível a utilização dos maciços rochosos que coroavam os cimos dos montes, em muitos casos, inacessíveis aos meios de transporte utilizados e, por isso mesmo, onde era difícil fazer carregue e transporte da pedra.

Os pedreiros procuravam as rochas na meia encosta escavando-as sem

causar danos nas linhas de água e no solo onde se cultivava, pastoreava ou florestava com espécies arbóreas como o carvalho, o sobreiro, etc., cuja madeira era utilizada na construção de casas de habitação e fabrico de alfaias, teares, rodas de moinhos, prensas de lagar, etc.. Fazia-se a fracturação da rocha no mínimo indispensável para satisfazer as necessidades das comunidades camponesas. Não se exportava pedra.

A arquitectura tradicional em *pasta* exigia menor quantidade de granito e implicava menos desperdício do que o sistema construtivo em perpeanho. Contrariamente a outros materiais (como o betão), a obtenção do granito em pranchas não implicava grande consumo energético. Era ainda de execução menos onerosa do que a realizada em perpeanho, pois este exigia gruas e outros aparelhos de elevação das pedras e necessitava de mais mão de obra para picar e *esquadriar* a pedra.

A técnica utilizada no erguer dos muros e das paredes representava

um saber-fazer de grande eficiência na procura da maior estabilidade e resistência aos esforços mecânicos e condições atmosféricas sem deixar de garantir condições de conforto térmico do seu interior.

Permitia ainda satisfazer a necessidade de construção de anexos rurais (cobertos, sequeiros, etc.) a um baixo custo, o que também ajudou a resolver o problema da habitação para algumas famílias de menores rendimentos.


Usadas como vedação de campos – prados, as construções murárias em *pasta* constituem, para além de uma solução simples e eficiente, um elemento valorizador da paisagem agrária. Porém, com o definhamento das economias camponesas e o abandono da actividade agrícola associada à pastagem, muitos campos – prados deixam de o ser e podem vir a perder as suas vedações em *pasta* por não terem sido alvo de conservação. Ao serem substituídos por outras soluções, desinseridas no contexto da identidade cultural das comunidades locais, menosprezar-se-á o saber-fazer tradicional, que correrá

o risco de extinção. Em vez de se reabilitarem os velhos muros preferir-se-á construir de novo segundo modelos importados de que resultará a banalização da paisagem, aumentando o desperdício e o consumo de recursos naturais.

As casas de habitação e anexos em *pasta* também correm o risco de uma cada vez maior degradação se não forem alvo de intervenções para conservação e restauro. Existem já alguns casos de substituição de paredes em *pasta* por alvenaria de tijolo rebocado por cimento. Outras habitações acabam por ruir por completo e em lugar delas surgem construções de tipologias nada condizentes com a arquitectura tradicional.

No Alto Minho urge implementar uma política de Conservação e Reabilitação do Património enquadrada num modelo de desenvolvimento económico que acautele as diferenças culturais regionais e contribua para contrariar o crescente desemprego e o processo de despovoamento em curso, permitindo às comunidades camponesas serem os agentes privilegiados na imple-

mentação de uma estratégia visando aquele objectivo. O que subsiste do saber-fazer no construir aguarda medidas de salvaguarda através de intervenções de reabilitação e conservação por profissionais qualificados nas técnicas construtivas tradicionais.

As construções murárias e as casas em *pasta* constituem, entre outros, testemunhos de uma Arquitectura Popular que, após décadas de abandono e destruição, tem direito a ser considerada, não como uma reminiscência de um viver de dificuldades e miséria, mas antes como um legado de uma herança cultural a preservar. Preservar, não numa perspectiva meramente patrimonialista, *versus* turística ou de rentabilização imobiliária, mas privilegiando a divulgação do saber-fazer tradicional que, incorporado em técnicas construtivas ambientalmente sustentáveis e identitárias, poderá alicerçar o futuro inovador. 

#### AGRADECIMENTOS

Ao Sr. Alípio Nunes pela sua orientação na visita às pedreiras de Salgueirinho explicando-nos o modo tradicional da extracção do granito em *pasta*.

Ao Sr. Diamantino Gonçalves Cunha, de Chamosinhos, S. Pedro da Torre, Valença pelos esclarecimentos prestados e descrição do processo construtivo em *pasta*.

#### NOTAS

<sup>1</sup> a <sup>4</sup> Alípio Nunes, Friestas, Valença.

<sup>3</sup> a <sup>14</sup> Diamantino Cunha, Chamosinhos, S. Pedro da Torre, Valença.

#### BIBLIOGRAFIA

RIBEIRO, Orlando – *A civilização do granito no Norte de Portugal (elementos para o seu estudo)*, “Geografia e Civilização”, p. 24.

TEIXEIRA, Carlos – *Carta geológica de Portugal. Notícia explicativa da folha 1-A (Valença)*. Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa, 1956.

AFONSO, Manuel Pires – *A Arte de Talhar a Pedra*, Sep. “Mínia”, n.º 5, P.N.P.G., Braga, 1982.

A A.C.E.R – Associação Cultural e de Estudos Regionais é uma Associação Cultural sem fins lucrativos com personalidade jurídica, registada no R.N.P.C. sob o n.º P 505844575 e que prossegue como objectivos estatutários: “a inventariação, estudo e divulgação do Património Cultural; salvaguarda do Património Natural e Cultural; intercâmbio com outras associações congéneres nacionais e estrangeiras”. Como logótipo usa a folha do Ácer, ou *Bordo pseudoplatanus*, espécie arbórea existente no noroeste montanhoso do país.

O grupo de sócios que constituíram a A.C.E.R. desenvolveu, desde 1988, a inventariação do Património Natural e Cultural do Alto Minho, uma parte do qual se encontra disponível no site <http://emi.valedominhodigital.pt>.

Procurando implementar a continuidade da iniciativa e imprimir-lhe maior dinâmica, a A.C.E.R. está a desenvolver o projecto *Os saberes fazer do passado no desenvolvimento rural do Vale do Minho* compreendendo 1) Pesquisa e inventariação visando aquilatar a existência, no Vale do Minho, de mão de obra habilitada nas antigas técnicas tradicionais de Conservação e Restauro, algumas em risco de extinção com descrição, registo em fotografia digital e vídeo, divulgação em site e livro do “saber fazer” de algumas daquelas técnicas incluindo o levantamento das expressões culturais tradicionais imateriais individuais e colectivas; 2) Sensibilização da comunidade escolar do Vale do Minho; 3) Proposta de realização, por entidades formadoras credenciadas, de cursos nas antigas técnicas de Conservação e Restauro.

ANTERO LEITE,  
A.C.E.R. – Associação Cultural  
e de Estudos Regionais